



Urbanização e imaginário sobre o “maior povoado do mundo”, Eunápolis 1970 a 1988¹

*Urbanization and imaginary about the “biggest settlement of the world”,
Eunápolis 1970 to 1988*

Levi Sena Cunha²

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

RESUMO

O presente artigo pretende discutir as representações sobre Eunápolis, entre os anos de 1970 e 1988. Nessas quase duas décadas foram disseminados enunciados em mídias impressas sobre o crescimento do povoado, difundindo representações como a de “maior povoado do mundo”. Analisando narrativas de fontes como periódicos, revistas e publicações de memorialistas, acreditamos na hipótese tanto de uma impulsão no processo de urbanização a partir do discurso de progresso do povoado, quanto na vinculação de grupos políticos locais a essa narrativa.

Palavras-chaves: Representação. Urbanização. Eunápolis.

ABSTRACT

This article intends to discuss the representations about Eunápolis town, between 1970 and 1988. In these nearly two decades, statements were disseminated in press media about the growth of the settlement, spreading representations like as that the "biggest settlement of the world." Analyzing narratives of sources such periodicals, science magazines and memorialist publications, we believe, not only in the hypothesis of impulsión in the process of urbanization from the progress speech of the settlement, but also in the link from local political groups to this narrative.

Key words: Representation. Urbanization. Eunápolis.

Considerações Iniciais

“aqui, surgirá um grande povoado,
onde cristãos gritarão bem alto os nomes de Jesus,
da Bahia e do Brasil”;
e que “será um grande centro progressista”.
A Voz Dos Municípios (1984, p. 49)

¹ Texto originário de pesquisa destinada a atender proposta de avaliação da disciplina “Tópicos em cidades, culturas e sociabilidades”, ministrada pela Professora Dr^a. Ana Maria Carvalho dos Santos, no Programa de Pós-Graduação em História (mestrado) da Universidade Estadual de Feira de Santana. Agradeço a referida professora pela orientação durante o mestrado e pelas contribuições apresentadas e pelo estímulo para publicar este trabalho.

² Graduado em Licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *campus* XVIII; Mestre em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). <https://orcid.org/0000-0002-9456-4311>. E-mail: levicunha.historia@gmail.com. Endereço institucional: Av. Transnordestina, s/n, Novo Horizonte, Feira de Santana, BA, 44036-900.

Divulgadas nas páginas de um livreto publicado em 1984, pela prefeitura de Santa Cruz Cabrália em parceria com a revista “A voz dos municípios”, as palavras proferidas na celebração da primeira missa pelo padre Emiliano Gomes Pereira, representam o marco de fundação de Eunápolis como sendo 05 de novembro de 1950. Num tom de profecia, o discurso do padre Emiliano é utilizado na revista como se selesse o futuro do povoado, destinado a ser um centro de grandezas no qual a força religiosa e política conduziria o seu crescimento pelos caminhos do progresso.

Narrativas sobre o crescimento do povoado foram encontradas em documentos de diversas naturezas, boa parte delas, vinculada a grupos políticos das duas sedes administrativas, Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália. O objetivo desse texto é analisar as representações identificadas em discursos sobre o desenvolvimento urbano de Eunápolis. Essas narrativas circularam principalmente entre as décadas de 1970 e 1980, em diversos veículos de comunicação, sejam eles: local, regional, estadual e nacional, que acabaram por construir imagens como a do “maior povoado do mundo”, representações essas, engrandecedoras do progresso do lugarejo e que tiveram repercussão na sensibilidade dos seus respectivos expectadores.

A concepção de imaginário utilizada por esta pesquisa parte das noções de Pesavento sobre imaginário urbano, onde ela afirma que “o imaginário urbano, como todo o imaginário, diz respeito a formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo, o que implica dizer que trata das representações construídas sobre a realidade - no caso, a cidade” (PESAVENTO, 2007, p. 15). As representações veiculadas em recursos midiáticos e obras literárias acabam por criar um imaginário, uma realidade para além do visível, do material, podendo assim,

Assumir uma força maior para a existência que o real concreto. A representação guia o mundo, através do efeito mágico da palavra e da imagem, que dão significado à realidade e pautam valores e condutas. Estaríamos, pois, imersos num “mundo que se parece”, mais real, por vezes, que a própria realidade e que se constitui numa abordagem extremamente atual, particularmente se dirigia ao objeto “cidade” (PESAVENTO, 2002, p. 8).



Tão logo se constate que a narrativa de grandeza de Eunápolis circulou em jornais e revistas por diversas localidades e estados vizinhos com maior propagação e intensidade, é possível afirmar que as representações sobre o “maior povoado do mundo”, o lugar da promessa, tomaram uma noção de real no imaginário dos receptores para além dos moradores do próprio povoado. Para além das discussões em torno das representações, será explorada como hipótese a manutenção de um imaginário sobre o povoado como um impulsor das melhorias em espaços da cidade.

Para entendermos a disseminação de um imaginário sobre o crescimento de Eunápolis levantamos a hipótese da articulação de grupos políticos que disseminam a ideia de grandeza do povoado com intuito de se vincular ao discurso de progresso. Nesse sentido, os discursos proferidos e jornais, revistas sobre o desenvolvimento do povoado “(...) embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER, 2002, p. 17). Não é do interesse desse trabalho afirmar que a narrativa de “maior povoado do mundo” foi criada por grupos políticos do período tratado, mas de relacionar os discursos com a posição de quem se apropria deles. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

1. Raízes do “maior povoado do mundo”

Eunápolis localiza-se na região definida, geograficamente, como Extremo Sul da Bahia. Os primeiros relatos sobre a construção de moradias na área onde se desenvolveu o povoado datam da década de 1940, com a chegada de posseiros e trabalhadores que deram início ao processo da demarcação dos rumos por onde passaria a BR 101 e a BR 367. Até o ano de 1988, Eunápolis era dividida entre Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia em forma de litígio, sendo que 20% do seu território pertenceu ao primeiro e 80% ao segundo.

O cenário descrito por Alcides Lacerda, escritor local, em seu livro *O fundador de Eunápolis, as Trezes Marias e os Anjos da Traição* sobre a região onde se localiza o povoado em meados dos anos quarenta, é o de um ambiente totalmente ermo, com densas florestas, nas palavras do autor: “um cotovelo bem escondido aonde só vinha quem tivesse negócios ou que

viesses errando o caminho” (LACERDA, 2003, p. 22). Essa paisagem tende a se modificar após a instalação das empresas que fizeram as obras das BRs 101 e 367, madeireiras, serrarias e o comércio local.

Nas décadas que se seguiram, com a chegada de mais pessoas atraídas pelas promessas de emprego nas obras das rodovias, pelas demandas por serviços, além do crescimento do comércio, o núcleo urbano acelerou seu crescimento. Mineiros, capixabas e pessoas originárias de outros estados e municípios baianos, também se deslocaram para a região no decorrer do século XX para a exploração da madeira, cultivo de cacau, café e atividade pecuária (DEELEN, 1966).

Para Eric Hobsbawm (1995) a humanidade passou por transformações sociais e culturais de forma rápida e abrupta após a segunda metade do século XX. Pensado as considerações de Hobsbawm, deve ser levado em conta que cada região do globo e em cada micro realidade as transformações se deram de formas diferentes e em temporalidades diversas. No Extremo Sul baiano, especificamente em Eunápolis, os anos de 1970 presenciaram fatos que potencializaram suas mudanças como o término da construção da BR 101, influenciando de forma significativa o fluxo de serviços, produtos e transeuntes, o que impulsionou o turismo em todo o extremo sul.

Um importante fator que enquadrou o povoado no fluxo de transformações socioeconômicas regionais foi sua localização estratégica. Cortado pela BR 101, principal mecanismo de ligação entre as regiões nordeste, sudeste e sul do Brasil, o povoado se encontra no entroncamento desta com a BR 367, principal via de conexão dos municípios de Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália e Belmonte. Possivelmente, o posicionamento geográfico foi determinante para o desenvolvimento de Eunápolis, chegando a ser considerado como polarizador migratório regional, como já dito antes, atraindo um contingente humano proveniente da Bahia e de outros estados (CAR(BA), 1994, p. 21).

O êxodo rural na região constituiu-se como responsável por grande parte dos chegantes que se instalaram em Eunápolis. Esse processo resultou de um conjunto de transformações nas estruturas econômicas e sociais no campo como parte do projeto de



integração nacional, onde regiões consideradas ainda pouco desenvolvidas deveriam se articular com desenvolvimento econômico vigente no resto do país.

O projeto de desenvolvimento da produção agrícola dos governos militares para o Brasil se voltou para exportação (MENDONÇA; FONTES, 1991). Dentro desse contexto, Pedreira (2008) apresenta as estratégias de crescimento econômico para o Extremo Sul baiano que resultou: na ação da especulação imobiliária que inflacionou os valores das áreas agricultáveis; no aumento das áreas de plantação de eucalipto; na modernização e expansão da pecuária, associadas à ausência de políticas públicas, colocando limites às probabilidades de expansão e reprodução das bases de cultivo tradicionais do campesinato, causando transformações “na organização social, aprofundando o processo de desterritorialização das comunidades e desagregação das relações sociais” (PEDERIRAS, 2008, p. 113) mantidas a quase um século e, com isso, implicando na expansão dos latifúndios e na evasão da população rural para os centros urbanos. É importante registrar que a expulsão dos pequenos proprietários, posseiros, trabalhadores rurais, pescadores, indígenas entre outros grupos, se deu, em sua maioria de forma conflituosa.³

Impulsionado por atrativos no campo do desenvolvimento econômico que atraiu chegantes de outras localidades, como também do processo migratório campo-cidade Eunápolis dá saltos expressivos nos números demográficos. Para termos uma noção do crescimento demográfico entre os anos de 1951 e 1986 a Tabela 1, abaixo, faz uma representação dessa quantificação:

Eunápolis	Ano	1951	1970	1976	1986
	População	120	14.728	27.560	45.615
					52.490

Tabela 1⁴: Crescimento demográfico de Eunápolis de 1951 a 1986

³ Sobre os conflitos rurais e a violência no campo ver: ALVES (2017); BRASILEIRO (2012); CARNEIRO e CIOCCARI (2010); CUNHA (2010); D'ICARAHY (2018); KOOPMANS (2005).

⁴ Fonte: Plano Diretor Urbano de Eunápolis, Volume síntese. Salvador, 1977. Para a criação da tabela foram utilizadas duas referências encontradas no Plano Diretor Urbano de Eunápolis, uma tabela já existente encontrada na p. 26 e uma especulação à população de 1951, encontrada na p. 22. Os redatores do Plano também alertam o fato do povoado não ser considerado como zona urbana, não tendo assim um histórico de dados demográficos registrados nos Censos Demográficos uma projeção da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia

Observando os dados trazidos pela Tabela 1 é possível perceber saltos numéricos significantes como de 14.608 no intervalo de 19 anos entre 1951 e 1970, cerca de 12.000%. Depois disso temos outros de 12.832 entre 1970 e 1976, aproximadamente 100% em apenas seis anos. Antes de analisar os quantitativos do quadro correspondente ao ano de 1986, gostaria de alertar ao leitor de que eles correspondem a uma expectativa futura, baseada nas médias de densidade contemporâneas ao levantamento dos dados realizado em 1976, dez anos antes da projeção e nove anos antes da publicação do Plano Diretor Urbano de Eunápolis de 1977. A primeira se refere a uma projeção pessimista, com o crescimento para o ano de 1986 foi de 18.055, cerca de 65% em relação a 1976. Já o segundo número do ultimo quadrante corresponde a uma projeção otimista para 1986, o aumento de 24.930 pessoas, representando o crescimento de 90% em comparação aos números de 1976.

Os índices expressivos do crescimento populacional eunapolitano na década de 1970 colocam o povoado próximo das 15 cidades baianas “com mais de 20.000 habitantes cada”, em quantidade de habitantes, da Bahia. O Plano Diretor Urbano de Eunápolis (PDU) chama a atenção para a singularidade do caso em que, de “687 cidades e vilas legalmente instituídas no Estado da Bahia, apenas 42 das cidades ultrapassavam, em 1970, a faixa dos 10.000 habitantes”, e enfatiza que esta marca, dentro da mesma década não foi alcançada por nenhuma das 351 vilas (Plano Diretor Urbano de Eunápolis, Volume síntese. Salvador, 1977, p. 2.).

Com todas essas evidências trazidas acima, o slogan ufanista de “maior povoado do mundo” passa a se sustentar nos veículos de comunicação, discurso este que se faz fundamental para a consolidação de um imaginário sobre o povoado. A exemplo da construção das representações sobre o tamanho do povoado apoiado em narrativas como as do do jornal A Tarde sobre a possibilidade de sua emancipação onde o “(...) maior povoado do mundo, com uma população estimada em mais de 120 mil habitantes, está ansioso para se transformar num dos grandes municípios da Bahia” (A TARDE, 28 de março de 1984, p. 21).

Concordando com as palavras de Sandra Jatahy Pesavento, que o imaginário funciona como um motor para impulsionar as ações humanas, ou seja, é “esse agente de atribuição de

e Estatística (FIBGE), o que impede a aplicação de projeção confiável. O levantamento demográfico foi realizado pela Consórcio SERETE/INCREMENTA, com dados-base apoiados na pesquisa de Uso do Solo e na restituição, em escala 1:2000, de levantamento aerogramétrico – agosto/1976.



significados à realidade, é o elemento responsável pelas criações humanas” (PESAVENTO, 2007, p. 11-23), consideramos que as representações sobre a condição agigantada de Eunápolis evidenciam algumas ações, por parte do poder público, para a manutenção dessa imagem sobre seu espaço urbano.

2. Do “lixo ao luxo”: urbanização a partir das elaborações do imaginário

Importantes construtores do imaginário popular, os meios de comunicação têm papel fundamental na construção de visões sobre a cidade. Sendo assim, é necessário que haja um empenho no uso de tal instrumento para legitimar as ações do poder público sobre o povoado de Eunápolis, pois é determinante que os usuários reconheçam os signos atribuídos aos espaços.

A exemplo dos jornais que funcionam “como veículos de formação de opinião pública”, onde sua retórica carregada de artifícios tem o poder de criar “imagens fortes, carregadas de adjetivos, cores” que contribuem com convencimento dos sujeitos em enxergar o mundo de determinada forma (PESAVENTO, 2001, p. 33). Para além do convencimento, podemos pensar a disseminação de representações como tradução de posições e interesses dos atores sociais que “descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse” (CHARTIER, 2002, p. 19.).

Os periódicos são criados com intenções discursivas, seus escritores são partidários, sendo assim carregados de parcialidade em seus discursos, é preciso que o pesquisador esteja atento tanto ao lugar de onde é redigido o texto como também a que público ele visa atingir, que realidade é pretendida e quais objetivos se quer alcançar com as afirmações e/ou negações. A partir de tais análises é possível se ter uma aproximação do ideal de espaço que se almeja construir.

Alguns periódicos de circulação regional como o jornal CIP de Itabuna, constroem uma dupla imagem sobre Eunápolis, ao mesmo tempo sendo “o maior povoado do mundo” e, também, o “mais sujo e esburacado do mundo”, atribuindo essa condição à atuação das prefeituras de Santa Cruz Cabralia e Porto Seguro. O jornal continua a sua descrição em tonalidade pejorativa:



Visitantes quando chegam a Eunápolis ficam estarecidos diante de tanto lixo em pleno centro, que apelidaram o grande povoado como “terra das crateras”. Os buracos, que escondem um carro torna impossível o trânsito, enquanto o cheiro fétido dos dejetos cria um clima de revolta nos proprietários de restaurantes, lanchonetes, bares e similares, ocasionando até problema de saúde para a população⁵ (CIP, 9 de maio de 1978 – pág. 12).

Tomando como base a fonte acima, é possível ver que foi criada a imagem de um povoado de grandes extensões, mas, ao mesmo tempo, mal administrado pelas prefeituras às quais pertencia, uma localidade que necessitava de melhorias urgentes. Os problemas estruturais estiveram ligados ao seu rápido crescimento populacional, bem como ao seu processo histórico de ocupação do solo e a sua divisão administrativa.

Segundo o Plano de Diretor Urbano de Eunápolis, o crescimento demográfico e o desenvolvimento econômico fomentaram um processo de ocupação do solo em ritmo acelerado, caracterizado pela posse ilegal das terras, denominadas como “invasão” (Plano Diretor Urbano de Eunápolis, Volume síntese. Salvador, 1977, p. 2.). Logo ocorreram conflitos entre os donos das terras e as pessoas que se instalaram em suas propriedades. Os conflitos mais tensos de que se tem registro ocorreram em 1957, entre os anos de 1962 e 1964, e o de 1975 (SANTIAGO, 1999, p. 98).

As áreas disputadas entre fazendeiros e “invasores” em que se desenvolveu o núcleo urbano do povoado situou-se até 1988, ano de sua emancipação, sob a divisão litigiosa entre os municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália, em que os limites incertos eram alvo de disputas entre ambos. No ano 1965 ficam estabelecidas as balizas territoriais nas quais Porto Seguro ficaria responsável por administrar 20% da zona urbana e Santa Cruz Cabrália a maior porcentagem, os 80 % restantes. (Plano Diretor Urbano de Eunápolis, Volume síntese. Salvador, 1977, p. 2 e p.4.)

A divisão litigiosa entre os dois municípios sobre Eunápolis, bem como a iminência de sua emancipação podem explicar os poucos investimentos das duas prefeituras em melhorias para a sua urbe. Soma-se a essa questão, também, o fato de sua zona urbana ser

⁵ O exemplar do periódico, localizado no APMCVE, foi recortado pelo seu antigo portador antes de ser doado para arquivamento, o que nos impede de ter acesso às referências mais específicas sobre este, como: se o título (CIP) é realmente o do jornal ou apenas de uma coluna deste e da cidade a qual pertence.



considerada como zona rural pelas instituições de pesquisa demográficas estaduais e federais, o que causa empecilhos no investimento a nível de suas necessidades. (Plano Diretor Urbano de Eunápolis, Volume síntese. Salvador, 1977, p. 3 e p.4)

Os anos iniciais da década de 1970 foram marcados pela transferência dos poderes legislativo e executivo de Santa Cruz Cabrália para o povoado, que passou a ser a nova sede administrativa do município (CARVALHO NETO, 2004, p. 61). Esse acontecimento possivelmente trouxe melhorias urbanas para Eunápolis, com uma atuação mais próxima dos gestores municipais. Ainda durante o mesmo período aos seus moradores presenciaram a chegada da energia elétrica e da água encanada.

Mesmo com esses melhoramentos, a revista *Veja* de 28 de novembro de 1978, tece suas críticas em texto intitulado “O povoado sem sorte: desventuras de Eunápolis, que pertence a dois municípios e não é servido por nenhum” no quadro Cidades:

PROBLEMAS CRÔNICOS – A última pesquisa realizada pelo governo do Estado, em 1975, revelou a existência de 6.874 imóveis no povoado, e que somente 32% das casas tinham luz elétrica. Água encanada é privilégio de poucos mais da metade da população e não há sistema de esgotos sanitários, galerias d’águas pluviais e coleta de lixo (VEJA, 1978, p. 67).

Os problemas veiculados nas mídias de circulação nacional e regional caracterizam o povoado como um lugar de contradições, pois ao mesmo tempo duas imagens do povoado eram formuladas, a de lugar do progresso e também lugar do atraso, em termos de equipamentos urbanos.

Essas imagens foram habilmente utilizadas pelo prefeito de Santa Cruz Cabrália, Arnaldo Moura Guerrieri, em sua gestão política de 1983 a 1988. Guerrieri, filiado ao Partido Democrático Social (PDS), se utiliza de jornais e revistas de circulação local e regional para promover seu programa de governo “mais ação e menos conversa”, bem como as suas ações de urbanização ao discurso de grandeza do povoado.

Publicações como o livreto de título “Eunápolis: O maior povoado do mundo”, em revistas como “A voz dos municípios”, além de diversos periódicos, acabaram por criar uma imagem de Eunápolis como o povoado em constante desenvolvimento, fundamentada em uma boa administração realizada por Santa Cruz Cabrália. Segundo Cunha (2015) o povoado recebe diversos melhoramentos entre a década de 1980, em forma da instalação de

equipamentos urbanos como o Ginásio de Esportes, o Hospital Regional, a maternidade Stela Reis, a rodoviária, escolas municipais, calçamento de ruas, inauguração e reformas de praças.

Em novembro de 1985, Guerrieri, contratou o jornal Grande Bahia, sediado na cidade de Feira de Santana, para fazer uma matéria comemorativa do 35º aniversário de fundação do povoado. No texto introdutório da reportagem “Eunápolis de um canteiro de obras ao maior povoado de mundo”, o redator inicia seu texto em tonalidade ufanista:

Eunápolis, o maior povoado do mundo, com seus 150 mil habitantes, está localizado no Extremo-Sul do Estado, no município de Santa Cruz Cabrália, as margens do rio Buranhém [...] (GRANDE BAHIA, novembro/1985 p.2)

De acordo com a Tabela 1, hipoteticamente, Eunápolis alcançaria quase 46 mil habitantes, mas a representação sobre seu tamanho avantajado era alimentada de forma que criaram-se números com o intuito de reafirmar o seu crescimento, como no livreto Eunápolis: o maior povoado do mundo, publicado no ano anterior, foi afirmado o número de 106 mil habitantes para o povoado (PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ CABRÁLIA (BAHIA). Revista “A VOZ DOS MUNICÍPIOS”, 1984). Não é nossa intenção verificar a veracidade das afirmações, mas sim analisar como o discurso de grandeza ganha maior difusão durante os anos 1980.

Uma outra afirmação observada na citação é a de que o “maior povoado do mundo” aparece somente atrelado à prefeitura de Santa Cruz Cabrália, em nenhum momento fica clara a participação da administração de Porto Seguro sobre Eunápolis. É possível que além da questão de Santa Cruz Cabrália ter sob seu domínio uma maior porção do território do povoado, como também a intenção de afirmar uma maior atuação de sua prefeitura sobre ele, chegando a ter supremacia em relação à atuação de Porto Seguro.

Na mesma edição do Grande Bahia o redator tece mais comentários elogiando o então prefeito de Santa Cruz Cabrália em sua gestão:

Muitas obras com poucos recursos como todo administrador municipal brasileiro, o prefeito de Santa Cruz Cabrália, Arnaldo Moura Guerrieri tem enfrentado nesses dois anos de governo as dificuldades inerentes da falta de recursos próprios, para a realização de obras, devido a concentração de renda em mãos da União. Mas



enquanto a tão esperada reforma tributária não se concretiza ele não se desestimula e, demonstrando uma notável capacidade administrativa, consegue com os poucos recursos que dispõe, realizar uma série de obras no povoado de Eunápolis que, somadas às que também tem sido efetuadas pelo governo do Estado vêm incentivar o espírito empreendedor do povo eunapolitano, a continuar a irreversível marcha para o progresso.

Ao receber a prefeitura em 83, Arnaldo Guerrieri encontrou o maior povoado do mundo, com as ruas sujas e sem a menor infraestrutura, sendo uma das suas primeiras preocupações desenvolver um trabalho de pavimentação (GRANDE BAHIA, novembro/1985 p.2).

A realização de obras foi a grande propaganda do projeto governista de Arnaldo Guerrieri. Decerto, para a política local a mudança na paisagem urbana era essencial para dar evidência positiva aos grupos que disputavam o poder administrativo do povoado. Logo, fazendo uso do discurso de condução da “mão do progresso”, houveram projetos de intervenção e intervenções que repensaram, para além da estética urbana, a vida dos seus usuários e os modos de utilizar os espaços do povoado, nos quais foram selecionados lugares e práticas que deveriam ser preservados, modificados ou suprimidos. Na reportagem o jornalista enfatiza o quanto o prefeito vem lutando, ainda que sem apoio de recurso da União, para que haja avanços na “marcha para progresso”. É importante notar como o texto traça um marco temporal, no intuito de diferenciar a antiga gestão, que entregou a cidade em péssimas condições, de uma nova que se propõe a transformar a cidade do “lixo para o luxo”. Do “lixo para o luxo” também foi um dos slogans do governo desse gestor.

Como uma das demandas a serem realizadas fora proposto por Guerrieri a reforma da “Feira do fato” e da “Favela do fato”, dois espaços localizados no centro eunapolitano e que destoavam do projeto urbanístico pretendido para o povoado. Situadas no “eixo compreendido pelas ruas 13 de maio, do Bueiro e D. Pedro II”, entre os bairros do Centro e o Doutor Gusmão, a “Favela do fato” corresponde a uma área com um conjunto de casebres que se encontram no entorno da feira. A “Feira do fato” e a “Favela do fato” recebem esse nome por conta do comércio de carnes que se realizava na feira por famílias que moravam na favela, fato é, também, como popularmente são chamadas em muitos estados nordestinos, as vísceras dos animais vendidas em feiras.

O texto de caracterização dos setores do povoado, inscrito no Plano Diretor Urbano, levanta uma série de problemas para a área “onde se acumulam lixo, lama e restos de carne que são expostos ao contato de crianças e animais”. Em seguida o texto fala da favela que se

estende ao longo da encosta do Córrego Gravatá, onde se concentra uma população residindo em condições “subumanas” e sujeitas a todas as mazelas que “aglomerações desse tipo representam” (Plano Diretor Urbano de Eunápolis, Volume síntese. Salvador, 1977, p. 34.).

Diante da condição das moradias, o Jornal Cometa de junho de 1986 edita uma matéria na qual se afirma que as “(...) casas de tábuas estão caindo, carecendo de melhorias” (JORNAL COMETA. Eunápolis-BA, junho de 1986, p. 9.). Em uma entrevista a um morador do local, a reportagem continua apelando para a sensibilidade do leitor em relação à problemática da higiene, onde as condições em que são expostos os moradores e, principalmente, as crianças:

Para o Sr. Alípio Borges, 66 anos, que vive da venda de pirulitos e doces caseiros, por ele mesmo fabricados, a situação da 13 de maio, vai comprometer os políticos atuais. “Estamos assentados num verdadeiro centro de doenças. Sem esgotos, sem mínimo de proteção às crianças, como as do vizinho em frente – apontou – estão inchadas, mulher doente e o homem das casas se encontra sem emprego. A fome, uma companheira e a morte serão um alívio” – vaticinou (JORNAL COMETA. Eunápolis-BA, junho de 1986, p. 9.).

O cenário insalubre e desumano é reforçado pela narrativa do jornal Grande Bahia que entrevista alguns moradores e frequentadores da favela:

[...] “(...) Osório Pereira Macaúba, lembra que “botaram a gente aqui para ficar por três meses e já se vão seis anos e tanto e, cada dia fica pior”. Ele se queixa da falta de higiene existente no local que “prejudica principalmente as crianças” (...) D. Luci, que passava pelo local observou que a situação da feira do fato é lastimável “eu não sei como essas crianças agüentam (Sic). Eu tenho a impressão que essa poluição ambiental deve provocar doenças de pele, das vias respiratórias e outras bem piores. Quem sabe?”. Argumenta também que no local onde reside o mau cheiro é sentido, levado pelo vento, “imagine” (GRANDE BAHIA, Feira de Santana – Ba, novembro/1985 p.3)

A imagem descrita pelas reportagens retrata uma realidade que contrapõe o horizonte de expectativas para o centro do povoado. A forma feia e ameaçadora – o antro de doenças, que atinge crianças e mulheres – que a favela empresta a um espaço central da cidade, um lugar disforme do espaço que o envolve, um lugar onde “os alardes de progresso de Eunápolis não chegaram ainda” (JORNAL COMETA, Eunápolis-BA, junho de 1986, p. 9.).



A fala da entrevistada de que o mau cheiro levado pelo vento se alastra por outros locais, chegando onde ela mora, o que possivelmente causa incômodo a pessoas que não necessariamente frequentem o local, tomando proporções maiores do que somente atingir aos moradores do entorno mais imediato da feira. A Favela fora entendida como um espaço segregado, um gueto (LEFEBVRE, 2001) no centro do povoado e era preciso modificar esse quadro, era necessário levar o progresso a esse espaço.

No caso da “Feira do fato”, os jornais desempenharam um papel fundamental, a exemplo como a reportagem aborda o comércio de carnes:

Além da inexistência de uma infra-estrutura (sic) mínima de funcionamento, o mau cheiro das vísceras de animais expostas a venda, cobertas de moscas e o sangue que se espalha pelo chão, representam uma séria ameaça para a saúde pública, não sendo raros os casos de pessoas doentes ali registrados (GRANDE BAHIA, Feira de Santana – Ba, novembro/1985 p.2).

Tendo em vista o que foi exposto na matéria, as condições em que eram realizadas as atividades da feira infringiam os artigos do Código de Posturas Municipais de Santa Cruz Cabrália que diziam da vigilância sanitária de alimentos destinados ao consumo humano:

Art. 97º - Nenhum alimento poderá ser exposto à venda sem estar convenientemente protegido contra poeira, insetos e outros animais.
Art. 101º - Nos locais e estabelecimentos onde se manipulam, beneficiem, preparem ou fabriquem produtos alimentícios e bebidas é proibido:
I – Fumar;
II – Varrer a seco;
III – permitir a entrada ou permanência de quaisquer animais.
Art. 102º - Nos estabelecimentos onde se fabriquem, preparem, vendam ou depositem alimentos, haverá recipiente adequado de fácil limpeza e provido de tampas, ou recipientes descartáveis para coleta de resíduos.
Art. 103º - Será obrigatório e rigoroso asseio nos estabelecimentos industriais e comerciais de alimentos (Código de Posturas Municipais de Santa Cruz Cabrália, 1977, s/p)

Amparada pelas Posturas Municipais e apoiada por periódicos locais e de outros municípios, a gestão “Mais ação e menos conversa” lança a proposta de urbanizar a área da feira e da favela. Segundo a proposta noticiada, seria construído um mercado com 120 boxes no Bairro Centauro, “uma verdadeira Central de Abastecimento”, para que os vendedores não perdessem sua fonte de renda. No lugar da feira seria construída uma “ampla e moderna

praça, com todos os equipamentos sociais necessários, onde passará a ser realizada a feira-livre semanal”, como, segundo o prefeito na mesma matéria, já havia sido indicado pelo “plano piloto” elaborado pela equipe de governo de Roberto Santos. (GRANDE BAHIA, Feira de Santana – Ba, novembro/1985 p.3)

As obras não se restringiriam somente à higienização da feira, mas se estenderiam também à ““favela do fato”, que empresta uma feia aparência ao centro de Eunápolis, fruto de uma anomalia administrativa, vai desaparecer”. Foi proposta também a construção de um viaduto que ligasse as duas ruas adjacentes do vale do Córrego Gravatá – provavelmente conectaria o segmento da Rua D. Pedro II, ou da Rua Duque de Caxias. Além das obras foi prevista a transferência de cerca de 60 a 70 famílias residentes na localidade para o Moisés Reis, bairro distante do centro. As pessoas seriam realocadas e indenizadas. (GRANDE BAHIA, Feira de Santana – BA, novembro/1985 p.3)

Na ação de urbanização o poder público necessita do apoio da opinião pública, para tanto foi preciso criar ou simplesmente alimentar um imaginário sobre o espaço a ser urbanizado, de sujo, feio, desumano. Para fundamentar a iniciativa do poder público de modificar o panorama local nada melhor do que uma proposta vinda dos moradores:

“Estou aqui há mais de dois anos, mas não me sinto bem. O mau cheiro me prejudica muito. Sou um homem doente e a situação aqui não é boa. Todos os vizinhos se queixam”, afirma Vitório Ferreira dos santos, de 67 anos que apóia (Sic.) a idéia (Sic.) de mudança para outro local, (...) Alcides Ludugero Rocha, outro morador, afirma que “o ideal é mudar para outro lugar” [...] (GRANDE BAHIA, Feira de Santana – Ba, novembro/1985 p.2).

Segundo Lefebvre a integração à sociedade é um anseio dos excluídos da cidade, onde para esses a “urbanização é obsessão daqueles que vivem a carência na pobreza na frustração dos possíveis que permanecem como sendo apenas possíveis” (LEFEBVRE, 2001. p. 102). Possivelmente cansados com o estado em que se encontravam e atraídos pela oportunidade de viver em melhores condições, alguns não-integrados concordam com a ideia de outro lugar para residirem que não mais o Bairro do Centro.



Segundo Cunha (2015, p. 41), um dos problemas elencados pelo Plano de Diretor Urbano foi a ocupação do solo e crescimento desordenado dos bairros a partir das práticas de invasão. Como solução o plano propôs a regularização dos lotes que passariam a ser responsabilidades da Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia – SEPLANTEC. Esses lotes seriam alienados a preço de mercado e as “habitações de baixa renda” poderiam ser remanejadas. A alternativa colocada pelo plano corrobora com a proposta elaborada pela gestão municipal de Santa Cruz Cabralia, tendo em vista que o próprio plano caracteriza a condição das moradias como subumanas.

Ao mesmo tempo em que o poder público, subsidiado pelo plano, pretende valorizar a área, dá continuidade ao processo de segregação dos grupos que não se enquadram no “perfil” socialmente aceito para o centro da cidade, torna-se evidente uma limpeza social que beneficia a especulação imobiliária. Segundo Milton Santos (2013) as empresas de especulação imobiliária têm poder de transformar seletivamente os espaços criando assim o que ele chama de “sítios sociais”, onde são trabalhados fatores de beneficiamento, prevendo a valorização da localidade, entre esses o afastamento da população pobre. Os mecanismos são utilizados para que os imóveis ou terrenos adquiram maiores valores de mercado. Dessa forma, algumas localidades da cidade ganham ou perdem destaque no mercado imobiliário com o passar dos anos, sendo o planejamento um mecanismo influenciador desse mercado.

A implantação do plano do “lixo ao luxo” faria uma série de modificações no espaço urbano do povoado, mas vale lembrar, que nem toda a projeção é exatamente aplicada, o que não diminui sua importância para a análise do que se pretendia para a cidade. Certamente, não existe a permanência de espaços vazios nas intensas relações espaciais da cidade, ou seja, “diante do que cai ou é destruído, os agentes históricos movimentam-se no sentido de preencher, de escrever sobre aquilo que está em decadência” (OLIVEIRA, 2016. p. 137). Como um texto, a cidade se escreve, se apaga e se reescreve em uma busca constante pela “cidade conceito” entendida como “lugar de transformações e apropriações, objeto de intervenções, mas sujeito sem cessar enriquecido com novos atributos: ela é ao mesmo tempo a maquinaria e o herói da modernidade” (CERTEAU, 2014, p. 161).



Não foi possível, até então, ter acesso a fontes que versem sobre a concretização das obras da feira nem da transferência dos habitantes da favela. Sobre a projeção urbana Pesavento afirma que:

A modernidade urbana propicia pensar tais tipos de representação: aqueles referentes aos planos e utopias construídas sobre o futuro da cidade, inscrevendo uma cidade sonhada e desejada em projetos urbanísticos. Realizados ou não, eles são a inscrição de uma vontade e de um pensamento sobre a cidade e, logo, são matérias da história, porque fazem parte da capacidade imaginária de transformar o mundo (PESAVENTO, 2007, p. 11-23).

Mesmo existindo a possibilidade de as obras previstas, para os espaços da feira e da favela, não terem sido realizadas, outras obras foram efetivadas para a difusão da imagem de uma “cidade do futuro” (A TARDE, 7 de novembro de 1984, p. 13). Decerto, o conjunto de obras modificou a paisagem e o cotidiano eunapolitano em que seus usuários se encontravam sujeitos às estratégias tecidas pelo poder público na “marcha pelo progresso”, tendo que usar de táticas para não cederem, de todo, às investidas das municipalidades.

Considerações finais

Através do trabalho com fontes materiais como obras memorialísticas, jornais e revistas que versam sobre Eunápolis entre os anos de 1970 a 1988, foi possível o acesso a narrativas que apresentam representações sobre o povoado. Essas representações são consideradas como ferramentas preciosas para a compreensão das possibilidades de imaginários que se construíram em torno do esse que seria o “maior povoado do mundo”.

Acreditando que o imaginário tem o poder de incentivar as ações humanas, foi defendida a influência deste sobre os mentores do poder público sobre urbanização eunapolitana. As transformações ocorridas, conduzidas pelo discurso progressista, tiveram por intenção não só de modificar a materialidade, como também, construir novas sensibilidades, e novas sociabilidades nas quais o projeto previu o deslocamento de uma parcela pobre da



população para um local distante das vistas dos usuários do centro da cidade, num processo de segregação urbana.

Referências

- ALVES, Leonardo do Amaral. **Experiências forjadas a ferro e fogo: Religiosidade, organicidade e luta pela terra no extremo sul da Bahia no contexto da ditadura civil-militar (1978-1985)**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2017.
- ARRAIS, Raimundo. **O Pântano e o Riacho: A formação do espaço público no Recife do século XIX**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.
- A Voz dos Municípios. Eunápolis (O maior povoado do mundo). **Revista A Voz dos municípios**, Belo Horizonte, 1984.
- BRASILEIRO, Sheila. Comunidade Tupinambá no Vale do Jequitinhonha, Município de Itapebi, Bahia. p. 223-242. In: CARVALHO, Maria Rosário de; CARVALHO, Ana Magda (org.) *et al.* **Índios e caboclos: A história recontada**. Salvador: EDUFBA, 2012. 269 p. ISBN 978-85-232-1208-7
- CAR(BA), Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional. Política de desenvolvimento para o extremo sul da Bahia. **Série cadernos CAR**, 3. Salvador, 1994.
- CARNEIRO, Ana; CIOCCARI, Marta. **Retrato da Repressão Política no Campo – Camponeses torturados, mortos e desaparecidos**. Brasília: MDA, 2010.
- CARVALHO NETO, Sidrach. **Santa Cruz Cabrália: cinco séculos de história**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 2004, p. 61.
- CUNHA, Rejane Cristine Santana. **O Fogo de 51 – reminiscências pataxó**. 2010. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Universidade do Estado da Bahia, DCH – Campus V, Santo Antônio de Jesus, 2010.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 21. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. Ed. São Paulo: Memória e Sociedade: Difel, 2002.
- CUNHA, Levi Sena. Cidade e memória: urbanização e conflitos em Eunápolis dos anos de 1970 a 1988. **Monografia** (Graduação em História) da Universidade do Estado da Bahia – UNEB campus XVIII, Eunápolis, 2015.
- DEELEN, Godofredo J. **Diocese de Caravelas, Bahia. Parte I: estudo sócio- religioso**. Mim. Estudos Sócio- Religiosos, n° 4, 1966.
- D'ICARAHY, Leonardo Dantas. O Sonho da Terra: Trabalhadores Rurais e o Surgimento do MST na Bahia (1975-1989). 2018. **Dissertação** (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018

HOBBSAWN, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1990**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

KOOPMANS, José. **Além do eucalipto: o papel do extremo sul**. 2. ed. Teixeira de Freitas: DDH – Centro de Defesa dos Direitos Humanos, 2005.

LACERDA, Alcides. **O fundador de Eunápolis, Sessenta e Quatro, as 13 Marias e os Anjos da Traição**. Feira de Santana: Radami, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **O direito a cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias, São Paulo: Centauro, 2001.

MENDONÇA, Sonia Regina; FONTES, Virginia Maria. **História do Brasil Recente 1964-1980**. 2 Ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1991.

OLIVEIRA, Clovis Ramaiana Moraes. **Canções da cidade amanheceste: urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960**. Salvador: EDUFBA, 2016.

PEDREIRA, Márcia da Silva. O complexo florestal e o extremo sul da Bahia: Inserção competitiva e transformações socioeconômicas na região. **Tese** (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, vol. 27, núm. 53, janeiro-junho, 2007, pp. 11-23. Associação Nacional de História São Paulo, Brasil. ISSN: 0102-0188.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, I, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. 2. Ed., Porto Alegre: Ed. Universidade: UFRG, 2002

SANTIAGO, Luís. **O vale dos Boqueirões: História do Vale do Jequitinhonha**. v. 1. Edição Boca das Caatingas, Almenara, 1999.

SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**. 5º ed., 3. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 25 de maio de 2020.

Artigo aprovado para publicação em: 11 de junho de 2020.